#### 14<sup>a</sup> Aula - Biblioteca Pessoal

# Programação Mestrado em Engenharia Física Tecnológica

Samuel M. Eleutério sme@tecnico.ulisboa.pt

Departamento de Física Instituto Superior Técnico Universidade de Lisboa

#### Biblioteca Pessoal - Introdução

- Ao longo do tempo vamos escrevendo um conjunto de funções que podem vir a ser reutilizadas em circunstâncias diferentes daquelas para que foram inicialmente escritas.
- Por exemplo, escreveram-se os dados referentes aos planetas do sistema solar e guardaram-se esse dados em estruturas. Podemos, quando for necessário, chamar esses dados noutros programas que os usem.
- Escreveram-se as funções para a álgebra dos números complexos para um exercício mas, elas podem igualmente ser vir a ser usadas noutras aplicações que utilizem complexos.
- Aliás, as **funções** de **C**, utilizadas até aqui, foram escritas por alguém que as **guardou** e **juntou** em **bibliotecas**.
- O nosso objectivo hoje é esboçar o início de uma biblioteca pessoal, isto é, um conjunto de funções que podem ser guardadas e posteriormente usadas em diversas aplicações.

# Biblioteca Pessoal ('Utils.c', 'Utils.h' e 'TestProg\_01.c')

- Podemos começar o nosso projecto de uma biblioteca pessoal por um ficheiro 'Utils.c' no qual incluímos as funções:
  - void tsrand (void); Executa a função srand que inicializa a 'seed' do gerador dos números aleatórios tendo, como argumento, o instante actual dado pelo resultado da função time (NULL).
  - double xrand (double max); Esta função recebe como argumento a **escala** pretendida dos aleatórios ([0,max]) e devolve um aleatório do tipo 'double' naquele intervalo.
  - float fxrand (float max); Função idêntica à anterior 'xrand' mas destina-se ao tipo 'float'.
- Uma vez escritas estas funções, devemos criar um ficheiro '.h' a ela associado, 'Utils.h' em que incluímos os protótipos daquelas funções.

# Biblioteca Pessoal ('Utils.c', 'Utils.h' e 'TestProg\_01.c')

- Como se pode ver, para além dos protótipos das funções, foram incluídas em 'Utils.h' algumas macros úteis:
  - É testado se os valores lógicos 'TRUE' e 'FALSE' se encontram definidos e, no caso de não estarem são definidos.
  - #define QUAD(x) ((x) \* (x)) 'QUAD' é assim uma macro que tem como resultado o quadrado do número dado.
  - #define DELTA(a,b) (((a) == (b)) ? 1 : 0)
    Que define, como macro, a função delta de Kronecker.
  - #define freeNull(x) {free(x); x=NULL;}
    Esta macro recebe como argumento um ponteiro, aplica-lhe a função free que liberta a memória que lhe foi atribuída e reinicializa-o em 'NULL'.
- Criámos assim em 'Utils.c' e em 'Utils.h' os nossos primeiros utilitários.

# Biblioteca Pessoal ('TestProg\_02 e 03.c')

De um modo análogo, podemos criar **outro ficheiro**, em que guardamos as **funções** e **macros** para manipular **vectores** e **matrizes** – '**UtilVect.c**' e '**UtilVect.h**'. São elas para **vectores**:

- void \*vec\_new (unsigned int num, size\_t nbytes);
  Cria um vector com 'num' elementos cada um deles com 'nbytes' bytes e retorna um ponteiro para o vector criado, ou 'NULL' em caso de erro.
- double vec\_modulo (double \*vect, unsigned int num);
  Calcula a módulo do vector (vect) para 'double'.
- double vec\_pint (double \*vect1, double \*vect2, unsigned int num);

Calcula o **produtor interno** dos vectores '**vect1**' e '**vect2**' para '**double**'.



## Biblioteca Pessoal ('TestProg\_04.c')

#### E para matrizes:

- - Cria uma matriz com 'ncols' e 'nrows' em que cada elemento tem 'nbytes' bytes e retorna um ponteiro para a matriz criada, ou 'NULL' em caso de erro.
- double matx\_trac (double \*\*matriz, unsigned int num);
  Calcula o traço da matriz 'matriz' para 'double'.

O ficheiro 'UtilsVect.h' tem ainda as macros para libertar memória e inicializar a zero os vectores e as matrizes:

- #define vec\_free(v) {free(v); v=NULL;}
  #define matx\_free(m) {free(m[0]); free(m); m=NULL;}
- #define vec\_clean(type,v,n) memset(v,0,n\*sizeof(type))
  #define matx\_clean(type,m,nl,nc) vec\_clean(type,m[0],nl\*nc)

## Como Criar uma Biblioteca (Library)

- Quando se tem diversos ficheiros que se vão usar como um conjunto, como é o caso de uma biblioteca de uso diverso, é conveniente criar um arquivador que junta (arquiva) os ficheiros compilados num só.
- O arquivo assim criado deverá ser posteriormente utilizado pelo compilador na operações de 'ligação' dos constituintes do programa ('linkagem').
- O comando de 'unix' que nos permite executar estas tarefas é
   'ar'. Podemos então juntar os nossos ficheiros (já compilados):
   ar ry libPessoal a Utils o UtilsVect.o

#### em que:

- r: insere os ficheiros no arquivo, substituindo-os caso existam;
- v: informa sobre a acção efectuada;



## Como Criar uma Biblioteca (Library)

Uma vez criado o arquivo 'libPessoal.a', devemos criar um índice contendo todos os símbolos (nomes, funções, variáveis, etc.) definidos nos ficheiros do arquivo:

#### ranlib libPessoal.a

isto acelera o processo de 'linking' da biblioteca e permitir às funções nela contidas chamarem-se umas às outras independentemente da sua posição no arquivo.

- Note-se que as duas operações anteriores podem ser reunidas numa só acrescentando a opção 's' aos qualificadores de 'ar': ar rsv libPessoal.a Utils.o UtilsVect.o
- Para visualizar o conteúdo do arquivo 'libPessoal.a', pode usar-se o comando 'nm' (lista dos símbolos):

#### nm libPessoal.a

■ Para mais informações sobre estes programas ver 'FreeBSD Man Pages' (em 'Bibliografia' no site da cadeira).

## Bibliotecas ('Library')

- Em termos genéricos uma biblioteca é um ficheiro que contém outros ficheiros que, por sua vez, têm código compilado. E, estando indexada, é fácil encontrar os símbolos nela definidos.
- Podemos classificar as bibliotecas em dois grupos:
  - Bibliotecas com ligação estática ('static libraries' ".a"): na operação de link de um programa, o código da biblioteca fica integrado no ficheiro executável.
  - Bibliotecas com ligação partilhada ('shared libraries' ".so"): durante o link, é verificado se todos os símbolos exigidos estão definidos no código do utilizador ou nas bibliotecas invocadas. Ao executar o programa, o sistema verifica as bibliotecas associadas e liga-as ao programa ('dynamic loader').

## Bibliotecas ('Library')

- Na maioria das utilizações, em que existe código comum a diversos programas, usam-se 'shared libraries', excepto quando, por razões de segurança ou emergência, se quer garantir o funcionamento correcto dos programas.
- Para criar uma biblioteca partilhada ('shared library') chamada 'libPessoal.so' a partir dos dois ficheiros objecto ('.o') criados faz-se:

#### gcc -- share -o libPessoal.so Utils.o UtilsVect.o

 Dependendo dos sistemas, poderá ou não ser feita a compilação dos ficheiros '.c' com a opção '-fPIC' (position-independent code).

## Bibliotecas ('Library')

- Na compilação é indica a biblioteca com '-l' e o nome da biblioteca sem o 'lib';
- Caso a biblioteca não esteja numa das pastas de bibliotecas do sistema (por exemplo, '/usr/lib/', em unix), tem de se indicar a pasta em que ela se encontra, '-Lpasta', assim,

```
gcc -o prog_01 prog_01.c -L./ -IPessoal -Im
```

- Para a execução do programa é agora necessário incluir a pasta em que está a biblioteca na lista das pasta em que o sistema irá procurar bibliotecas.
- Tal pode ser feito acrescentando a pasta em que ela está à variável de ambiente 'LD\_LIBRARY\_PATH':

```
export LD_LIBRARY_PATH = "LD_LIBRARY_PATH:./"
```

■ Finalmente, pode executar-se o programa.



### Criação de uma 'Makefile'

- Por vezes a compilação e a 'linkagem' são operações que incluem um conjunto complexo de operações, por isso, é extremamente conveniente utilizar instrumentos que executem correctamente essas tarefas.
- Em 'unix' existem diversas ferramentas capazes de executar aquelas tarefas. Aqui iremos usar uma das mais comuns, o comando 'make'.
- Uma 'Makefile' é organizada por tarefas específicas, chamadas comandos, endereçadas pelas suas etiquetas.
- Os comandos são separados entre si por linhas vazias.

#### Criação de uma 'Makefile'

- Assim, cada comando é constituído por:
  - Uma etiqueta ('label'): sequência de caracteres que começa no início da linha e termina em ':'.
  - Depois dos ':' devem ser colocadas as sequências de comandos que o devem anteceder, ou que decidem da sua execução;
  - As tarefas a executar seguem-se, sem linhas em branco, uma por linha e iniciadas por um 'TAB'.
- Para além dos comandos podem declarar-se variáveis que permitem definir os comandos de um modo conveniente. Essas variáveis definem-se através do sinal '='. Exemplos:

CC = gcc  $LINK\_FLAGS = -Im$ 

A utilização das variáveis faz-se do seguinte modo:

\$(CC) \$(CFLAGS) -c UtilsVect.c

■ É sempre uma boa regra definir uma variável associada a cada um dos comandos de unix a utilizar.

### Criação de uma 'Makefile'

- O comando 'make' (sem mais argumentos) lê o ficheiro de nome 'Makefile' e executa o conjunto de instruções associadas à etiqueta ('label') 'all:'.
- Para ler outro ficheiro faz-se:
  - make -f nomeFicheiro
- Para executar uma tarefa (etiqueta) dar-se o comando make [-f nomeFicheiro] nomeEtiqueta em que os parêntesis rectos indicam que é opcional.